

CONVERSANDO SOBRE MEDICAMENTOS COM O PÚBLICO ADOLESCENTE

o que eles querem de fato saber?

TALKING ABOUT MEDICINES WITH THE ADOLESCENT PUBLIC
what do they really want to know?

Rebeca Alves Mateus de Souza¹
Carla dos Santos Novais Pinto¹

Danielle Martins Ventura²
Samantha Monteiro Martins³

RESUMO

A disponibilidade de informações confiáveis sobre medicamentos é essencial para garantir o seu uso racional. A automedicação inapropriada pode resultar em intoxicação, reações alérgicas, dependência e levar até mesmo o indivíduo à morte. O objetivo deste trabalho foi introduzir o tema “medicamentos” no âmbito escolar a fim de enfrentar o problema da automedicação, uma vez que fornecer informações seguras e confiáveis sobre medicamentos à população, inclusive ao público adolescente, é uma das formas de contribuir para o seu uso racional. Neste sentido, foram desenvolvidas atividades para identificar quais informações sobre medicamentos eram desejadas pelos adolescentes e qual conhecimento prévio eles possuíam. Posteriormente, uma ação educativa foi realizada para ampliar o conhecimento da turma sobre os temas escolhidos, e a culminância dos encontros se deu através de uma oficina. Trata-se o presente trabalho de um relato de caso de um projeto de pesquisa/extensão aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CAAE: 28207620.6.0000.5699). Participaram das atividades 35 estudantes, com idades entre 15 e 18 anos, matriculados em um colégio estadual do Norte Fluminense. Foram realizados oito encontros, de junho a novembro de 2023. Entre os estudantes, 91% afirmaram que o assunto “medicamentos” nunca havia sido abordado com eles na escola e 74% informaram que haviam usado ou usam com frequência medicamentos por conta própria, sem a orientação de um profissional da saúde. Quando os estudantes foram perguntados sobre quais assuntos relacionados a medicamentos eles gostariam que fossem abordados com eles, 43% afirmaram que gostariam de conversar sobre automedicação, sendo que a classe dos medicamentos antidepressivos foi a escolhida pela turma para se obter mais informação (26% de preferência). Em relação à atividade de avaliação do conhecimento prévio e da ação educativa, ambos sobre antidepressivos, optou-se por

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) – Macaé, RJ, Brasil. Graduanda em Farmácia pela UFRJ.

RJ, Brasil.

² Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) – Macaé, RJ, Brasil. Mestra em Ciências Aplicadas a Produtos para Saúde pela Universidade Federal Fluminense (UFF) – Niterói,

3 Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) – Macaé, RJ, Brasil. Doutora em Química Biológica pela UFRJ – Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: samanthamartins09@gmail.com.

rodas de conversa. Quanto à oficina, podem ser citados como produtos: a elaboração de atividade lúdica, vídeo e cartazes.

Palavras-chave: Adolescentes; Medicamentos; Informação; Uso racional de medicamentos; Automedicação.

ABSTRACT

The availability of reliable information on medicines is essential to ensure their rational use. Inappropriate self-medication can result in intoxication, allergic reactions, dependence, and even lead the individual to death. The objective of this paper was to introduce the theme on medicines in the school environment, to face the problem of self-medication, since providing safe and reliable information about medicines to the population, including the adolescent public, is one of the ways to contribute to the rational use of these technologies in health. In this sense, activities were developed to identify what kind of information about medications was desired by the adolescents, and what previous knowledge they had on the topic. Subsequently, an educational action was carried out to expand the knowledge of the class on the chosen themes, and the culmination of the meetings was achieved through a workshop. This paper is a case report of a research/extension project approved by the Research Ethics Committee (CAAE: 28207620.6.0000.5699). Thirty-five students, aged between 15 and 18 years, enrolled in a state school in North Fluminense, participated in the activities. Eight meetings were held from June to November 2023. 91% of the students stated that the topic on "medications" had never been discussed with them at school, and 74% reported that they had used or frequently use medications on their own, without the guidance of a health professional. When the students were asked which topics about medications, they would like to be addressed with them, 43% stated that they would like to talk about self-medication, and the category of anti-depressant medications was chosen by the class to obtain more information about (26% preferred). Regarding the activity for evaluating the previous knowledge and the educational action, both about antidepressants, conversation circles were chosen. As for the workshop, the following products can be mentioned: the creation of games, videos and posters.

Keywords: Adolescents; Medicines; Information; Rational use of drugs; Self-medication.

INTRODUÇÃO

Informação é definida como o ato ou efeito de informar e, em conjunto com a divulgação, se torna uma importante ferramenta na disseminação de conhecimentos. A informação a partir de fontes seguras e confiáveis é

sem dúvida uma importante aliada para ajudar a esclarecer a população, especialmente os adolescentes, sobre os problemas causados pela automedicação, pelo uso indiscriminado de medicamentos e pela influência

publicitária no consumo desses produtos (Leite *et al.*, 2014). A informação precisa ser vista como um fator importante na promoção da saúde, ela tem que ser propagada de forma efetiva e clara, mostrando os efeitos positivos e negativos dos medicamentos e expondo que atitudes indevidas relacionadas a eles podem gerar problemas futuros (Vieiro *et al.*, 2015).

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) (WHO, 1987), o uso racional de medicamentos (URM) acontece quando os pacientes recebem os medicamentos apropriados à sua condição de saúde, em doses adequadas às suas necessidades individuais, por um período adequado e ao menor custo possível para eles e sua comunidade. Dessa forma, para que ocorra o URM de fato, vários setores, como o governo, que disponibiliza os medicamentos; os profissionais de saúde, que prescrevem, dispensam e os administram; além do próprio usuário, que utilizará esses medicamentos em casa, devem participar de forma ativa e consciente do processo de cuidado.

Com o intuito de restaurar sua saúde de maneira rápida, as pessoas recorrem à automedicação, ou seja, utilizam medicamentos por conta própria, sem a orientação de um profissional de saúde. De acordo com a OMS (WHO, 2000), certo nível de automedicação é aceitável, desde que ocorra de forma responsável, envolvendo o uso de medicamentos isentos de prescrição, em situações pontuais, caracterizando uma conduta chamada de autocuidado. Entretanto, a automedicação pode ser extremamente perigosa, devendo ser combatida principalmente nos casos de sintomas persistentes, pois pode mascarar problemas graves, ou nos casos que envolvam o uso de medicamentos contendo taraja vermelha ou preta na embalagem. O uso

irracional ou inadequado de medicamentos pode gerar consequências graves como intoxicação, reações alérgicas, dependência e até levar o indivíduo a óbito (Brasil, 2012).

Com a finalidade de diminuir o uso irracional de medicamentos e amenizar os problemas provenientes da automedicação, estratégias como promoção e educação em saúde são utilizadas, uma vez que possibilitam levar informação e conhecimento à população, além de incentivá-la a se manter ativa e consciente no cuidado com a saúde, bem como promover condutas de prevenção de risco e, assim, contribuir para uma melhor qualidade de vida.

De acordo com o Ministério da Saúde do Brasil, a adolescência compreende a faixa etária dos 10 aos 19 anos, 11 meses e 29 dias. Essa etapa da vida está compreendida entre a infância e a fase adulta, e é definida como um período crítico para a formação, modificação e consolidação de hábitos saudáveis (Brasil, 2007a). Nessa perspectiva, a prática da automedicação pelo público adolescente tem sido relatada em vários estudos (Pereira *et al.*, 2007; Silva *et al.*, 2009; Matos *et al.*, 2018; Abrahão; Godoy; Halpern, 2013; Silva *et al.*, 2011). Além disso, de acordo com os dados do Sistema Nacional de Informações Tóxico Farmacológicas (Sinitox), aproximadamente 18% de todos os casos de intoxicação por medicamentos no Brasil ocorrem na faixa etária de 10 a 19 anos (Brasil, 2017). Diante desta situação, faz-se necessária a adoção de estratégias de promoção da saúde, dentre elas a divulgação de informações sobre medicamentos, que visem à prevenção da automedicação e à promoção do uso adequado de medicamentos. Por se tratar de um público adolescente, a escola é um dos locais de escolha para o desenvolvimento das atividades de promoção da saúde, visto que é um espaço que não

funciona para o adolescente apenas como um local de ensino e aprendizagem, mas é também onde ele vive múltiplas experiências, oportunizando assim a abordagem de temas como o uso abusivo de álcool e outras drogas, além de medicamentos (Brasil, 2009).

As estratégias de ensino que utilizam ações educativas, como oficinas e atividades lúdicas, possibilitam maior interação com o aluno e o estimulam a ser capaz de analisar as fontes de informações e a fazer escolhas tendo como base o seu conhecimento, permitindo assim o aprendizado através dos questionamentos e reflexões que são construídas durante as próprias ações educativas (Pinto *et al.*, 2011). As oficinas consistem em estratégias para trabalhar com subjetividades tanto individuais quanto coletivas. Constitui um trabalho estruturado com grupos, focado em uma questão central, em um determinado contexto social, e que não se propõe, apenas, a uma reflexão racional, mas que deve envolver os participantes de modo integral, convidando-os a pensar, sentir e agir.

Os referenciais teóricos utilizados como base para o desenvolvimento das oficinas refletem a articulação de várias áreas do conhecimento e, na sua dimensão educativa, têm como representante máximo o educador brasileiro Paulo Freire, que difundiu a ideia de que a aprendizagem só se realiza com o processo de problematização do mundo (Afonso, 2010). As oficinas também são muito empregadas por profissionais que atuam no terceiro setor e que possuem um conhecimento específico, e querem compartilhá-lo com a comunidade por meio da realização de experiências formais e informais de aprendizado (Honsberger; George, 2002).

Quanto à utilização de jogos para o ensino de conteúdos curriculares, ainda existe

controvérsia relativa ao potencial de ensino-aprendizagem, uma vez que os trabalhos que propõem o uso de jogos apresentam dificuldade em fundamentar a estratégia em metodologias e referenciais didático-pedagógicos, o que impacta a criação de mecanismos que possam oferecer formas de analisar com mais clareza a utilidade dos jogos como recursos didáticos (Yamazaki; Yamazaki, 2014). Contudo, é possível empregar os jogos didáticos como forma de explorar o conhecimento prévio dos estudantes em relação a determinado assunto (Silva *et al.*, 2015). Além disso, a partir do trabalho em grupo, a adoção deste recurso pode favorecer a construção de conhecimentos novos e mais elaborados pelos estudantes através da socialização de conhecimentos prévios (Campos *et al.*, 2003). A roda de conversa também é uma estratégia válida quando se trata de avaliar conhecimento (Lacerda *et al.*, 2013), pois corresponde a uma metodologia de ensino-aprendizagem problematizadora que vem sendo cada vez mais utilizada nas práticas educativas na área de saúde e em diversos contextos. Além de promover a construção e a reconstrução de conceitos e argumentos através da fala e da escuta, a roda estimula a reflexão crítica de todos os envolvidos na prática (Sampaio *et al.*, 2015; Moura; Lima, 2014).

Este trabalho foi desenvolvido levando em consideração as diretrizes da extensão universitária, valorizando, por exemplo, a interação da comunidade acadêmica com a sociedade por meio do diálogo e troca de saberes, com o intuito de produzir um conhecimento novo. Além disso, a tríade ensino – pesquisa – extensão foi valorizada, uma vez que se buscou a produção de conhecimento, alcançando o aluno de graduação como protagonista de sua formação técnica e cidadã.

2. HIPÓTESE

O registro de casos de intoxicação entre adolescentes sugere o uso inadequado dos medicamentos por este público e, talvez, seja um reflexo da falta de acesso à informação segura e isenta sobre os riscos que os medicamentos podem causar à saúde.

3. OBJETIVO

Introduzir o assunto “medicamentos” no contexto escolar de forma lúdica e dinâmica para promover o uso apropriado de medicamentos entre os adolescentes.

4. MATERIAL E MÉTODOS

As atividades foram realizadas com estudantes matriculados em um colégio estadual do Norte Fluminense, com idades entre 15 e 18 anos, e a equipe do projeto era composta por uma docente, uma farmacêutica e estudantes de graduação do curso de Farmácia. Foram realizados oito encontros, de junho a novembro de 2023, sendo que o primeiro serviu para a apresentação da equipe, do projeto de extensão/pesquisa e para a entrega dos termos de consentimento livre e esclarecido (TCLE), além do termo de autorização de uso de imagem e depoimentos, tanto para os adolescentes quanto para os responsáveis legais.

A partir do segundo encontro, iniciou-se a primeira fase do trabalho, que consistiu em um diagnóstico educativo que aconteceu em duas etapas, sendo que a primeira envolveu a aplicação de um questionário impresso entre os adolescentes. Para avaliar as fontes de consulta sobre medicamentos e a prática da automedicação, foram incluídas no questionário perguntas diretas, tais como: se o adolescente achava que a escola seria um es-

paço interessante para conversar sobre medicamentos; se o assunto “medicamento” já havia sido abordado em alguma disciplina; onde o adolescente costumava buscar informação sobre medicamentos; se ele já havia usado ou usa com frequência medicamentos por conta própria e, em caso positivo, que tipo de medicamentos.

Por fim, com a finalidade de inferir quais assuntos relacionados a medicamentos os estudantes gostariam que fossem abordados na escola, foram adicionadas ao questionário perguntas com respostas preestabelecidas, que deveriam ser ordenadas de acordo com as preferências dos respondentes. Uma das perguntas apresentava como enunciado: “Quando o assunto é medicamento, sobre o que você gostaria de conversar no ambiente escolar?”. Para esta pergunta eram dadas as seguintes opções: automedicação (uso de medicamentos por conta própria); interação entre medicamentos e alimentos, álcool ou outros medicamentos; armazenamento e descarte de medicamentos; além de poder sugerir qualquer outro assunto.

Da mesma forma, os estudantes foram questionados sobre quais tipos de medicamentos gostariam de obter informação ou mais informação e, mais uma vez, poderiam ordenar as classes de acordo com a preferência, tendo como opções: anabolizantes (medicamentos que têm como função principal a reposição de testosterona, que é um hormônio masculino); analgésicos (medicamentos que aliviam a dor); antibióticos (medicamentos utilizados para combater infecções provocadas por micro-organismos); anticoncepcionais (medicamentos que evitam a gravidez); antidepressivos (medicamentos utilizados para tratar transtornos mentais como depressão e ansiedade); anti-inflamatórios (medicamentos que atuam sobre os sintomas da inflama-

ção: vermelhidão, dor, inchaço, entre outros); descongestionantes nasais (medicamentos que servem para desentupir o nariz); vacinas (medicamentos que contêm substâncias terapêuticas produzidas por sistemas biológicos vivos, e que protegem contra doenças); anorexígenos (medicamentos para emagrecer); ou especificar algum outro.

Na segunda etapa do diagnóstico educativo, foi feita uma avaliação do conhecimento prévio deste público sobre os itens apontados como relevantes por eles no questionário, através de uma roda de conversa mediada. Esta atividade então teve o seu áudio gravado por um aparelho celular e durou cerca de duas horas. Além disso, foram realizadas anotações sobre as reações e impressões que ocorreram no grupo. Antes de iniciar a roda propriamente dita, foi apresentado para a turma o resultado da pesquisa feita através da aplicação do questionário (primeira etapa do diagnóstico educativo) e realizada uma breve explicação sobre o que aconteceria durante a roda.

Após esta primeira interação, os estudantes foram dispostos em um círculo e submetidos a uma dinâmica de grupo, para diminuir a tensão do ambiente e relaxar, que consistiu na apresentação individual dos participantes dizendo seu nome e o que eles esperavam da atividade que seria realizada. Seguem alguns exemplos de perguntas que foram feitas durante a roda de conversa para permitir a avaliação do conhecimento prévio dos adolescentes sobre a classe de medicamentos escolhida: “Para que estes medicamentos são utilizados?”; “Como se usa esses medicamentos?”; “Como estes medicamentos funcionam?”; “Se eu utilizar esses medicamentos, eles poderão me fazer mal?”; “Pos-

so utilizar os mesmos medicamentos sempre que tiver os mesmos sintomas?”; “Todas as informações que estão na internet sobre estes medicamentos são verdadeiras?”; “Os medicamentos vendidos na farmácia são sempre seguros?”; “Posso guardar estes medicamentos em qualquer lugar na minha casa?”; “Os medicamentos vencidos ou que não são mais usados podem ser descartados no lixo comum?”. A análise dos dados das respostas foi realizada de forma qualitativa, com o objetivo de identificar o que os adolescentes já sabiam sobre os medicamentos escolhidos. Para auxiliar na análise, as gravações de áudio foram transcritas. Esses dados foram utilizados na elaboração da próxima fase do trabalho.

As atividades desenvolvidas na segunda fase do trabalho (ação educativa) foram norteadas pela análise dos resultados oriundos do diagnóstico educativo (primeira fase) e tinham por objetivo complementar as lacunas no conhecimento dos estudantes que participaram da pesquisa. Para tal, em sala de aula, no início do encontro, foi compartilhado com os adolescentes um link para que eles acessassem um vídeo da plataforma YouTube intitulado *How do antidepressants work?*⁴, ou *Como funcionam os antidepressivos*, em tradução livre. O vídeo foi criado pelo educador Neil R. Jeyasingam e faz parte do projeto TED-Ed, uma iniciativa que disponibiliza vídeos educacionais no YouTube. Após a exibição, os estudantes participaram de uma nova roda de conversa em que foram discutidas as informações apresentadas no vídeo e abordados outros assuntos sobre os quais os adolescentes mostraram desconhecimento na fase do diagnóstico educativo.

A terceira e última fase do trabalho consistiu

4 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CIPVJ25Ka4k>. Acesso em: 11 dez. 2024.

na realização de uma oficina, a fim de que os adolescentes desenvolvessem suas próprias estratégias educativas para abordar o tema “medicamentos” junto a outros estudantes. A proposta foi permitir a construção coletiva do conhecimento por meio do agir, do fazer, transformando o conhecimento teórico em ação, em um “produto”, salientando os aspectos mais importantes do que foi conversado nas rodas. Para tal, a oficina foi planejada com antecedência, de forma que ao final da segunda roda de conversa (ação educativa) foi perguntado aos estudantes que tipo de material eles tinham interesse em produzir na oficina, material esse que teria o objetivo de transmitir a outros estudantes o conhecimento adquirido durante os encontros.

Na ocasião, a professora responsável pela turma sugeriu que os adolescentes produzissem material a ser compartilhado com estudantes do 5º ano do ensino fundamental I. Como o material produzido na oficina seria destinado a estudantes com uma faixa etária em torno de 11 anos, ficou decidido que a produção envolveria temas gerais sobre medicamentos, e que não abordaria o assunto “antidepressivos”. Além disso, a equipe do projeto disponibilizou tempo extra para assessorar os estudantes na concepção de ideias e produção do material. Posteriormente, os adolescentes se organizaram em grupos e escolheram, sob a supervisão da professora responsável, o assunto que seria trabalhado na oficina. A partir daí confeccionaram, de forma prévia, o material que seria apresentado no último encontro com a equipe do projeto. A avaliação da oficina foi feita ao final, através de um questionário impresso onde foi perguntado aos estudantes: 1) Se eles haviam gostado da oficina, e 2) Se o incentivo a criar um “produto” relacionado com o tema da oficina fez com que eles aprendessem mais sobre aquele tema (avaliação qualitativa).

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram das atividades 35 estudantes, com idades entre 15 e 18 anos, matriculados no segundo ano do curso de formação de professores de um colégio estadual do Norte Fluminense. 86% dos estudantes eram do sexo feminino e 14% do sexo masculino. Na primeira etapa do diagnóstico educativo, quando perguntados se achavam que a escola seria um espaço interessante para conversar sobre medicamentos, 86% dos estudantes afirmaram que “sim”, enquanto 11% afirmaram que “não”. Este achado vai ao encontro do que preconiza o Programa Saúde na Escola, instituído pelo Governo Federal em 2017, que tem como um de seus objetivos: “fortalecer o enfrentamento das vulnerabilidades, no campo da saúde, que possam comprometer o pleno desenvolvimento escolar” (Brasil, 2007b). Levando em consideração que os adolescentes constituem um público vulnerável, que está passando por um período crucial de desenvolvimento e manutenção de hábitos sociais e emocionais importantes para o bem-estar, atividades extensionistas desenvolvidas no âmbito escolar e que envolvam promoção da saúde e prevenção de doenças são fundamentais.

Quando perguntado aos adolescentes se o assunto “medicamento” já havia sido abordado em alguma disciplina na escola, 91% dos estudantes afirmaram que o assunto nunca havia sido abordado, apesar de o tema provavelmente ter sido trabalhado com eles nos anos finais do ensino fundamental, uma vez que a Base Nacional Comum Curricular prevê a abordagem do assunto “métodos contraceptivos” no currículo de ciências, incluindo, portanto, os medicamentos anti-concepcionais. Este achado sugere que talvez a pergunta tenha que ser reformulada e/ou que os estudantes tiveram dificuldade de relacionar o que foi aprendido anteriormente

com a atividade que estava sendo proposta. Os estudantes que responderam que este assunto já havia sido abordado na escola informaram que o conteúdo havia sido explorado nas aulas de biologia, química ou ciências.

Quando indagados sobre onde costumavam adquirir informações sobre medicamentos, 51% dos estudantes informaram que costumavam consultar os pais, 29% disseram que costumam consultar a internet e apenas 17% indicaram que consultam o profissional médico/farmacêutico. É notório que, apesar do grande número de fontes de informação disponíveis atualmente sobre medicamentos, os adolescentes ainda recorram aos pais para adquirir informação, o que demonstra a influência familiar neste contexto.

Os resultados expressam também que o público adolescente não tem o hábito de consultar o profissional farmacêutico para conversar sobre medicamentos. Levando em consideração que a Lei 13.021/14 transformou as farmácias e drogarias em unidades de prestação de assistência farmacêutica, assistência à saúde e orientação sanitária individual e coletiva, e que esta lei exige a presença

de um farmacêutico durante todo o tempo de funcionamento da farmácia, sendo dele a responsabilidade pela assistência técnica (Brasil, 2014), torna-se evidente o potencial deste profissional para prestar informações sobre medicamentos de forma segura e conveniente, não só para os adolescentes como para a população de uma forma geral.

Quando questionados sobre a prática da automedicação, 74% dos estudantes afirmaram que haviam usado ou usam com frequência medicamentos por conta própria, sem a orientação de um profissional da saúde. Tal achado vai ao encontro de relatos recentes que mostram que a prática da automedicação é comum entre os adolescentes brasileiros e de outros países (Matos *et al.*, 2018; Gualano *et al.*, 2015). Quando os estudantes foram perguntados sobre quais assuntos relacionados a medicamentos eles gostariam que fossem conversados com eles no ambiente escolar, 43% afirmaram que gostariam de conversar sobre automedicação (Gráfico 1), enquanto que a classe dos medicamentos antidepressivos foi a escolhida pela turma para se obter informação ou mais informação (26% de preferência) (Gráfico 2).

Gráfico 1. Assunto sobre medicamento a ser abordado no ambiente escolar

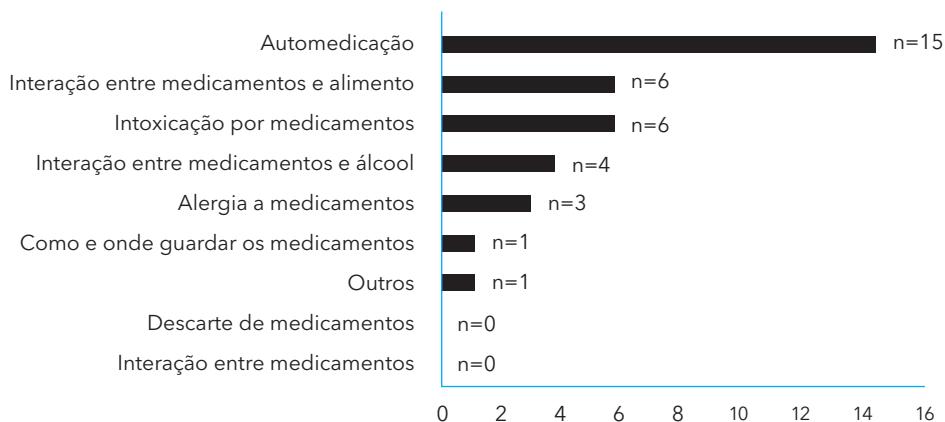


Gráfico de barras horizontais que mostra o assunto sobre medicamento que recebeu mais indicações no questionário (automedicação, n= 15) para ser conversado com os adolescentes no ambiente escolar (n total= 35).

Fonte: elaborado pelas autoras (2024).

Gráfico 2. Tipos de medicamentos escolhidos pelos adolescentes para obter informação ou mais informação

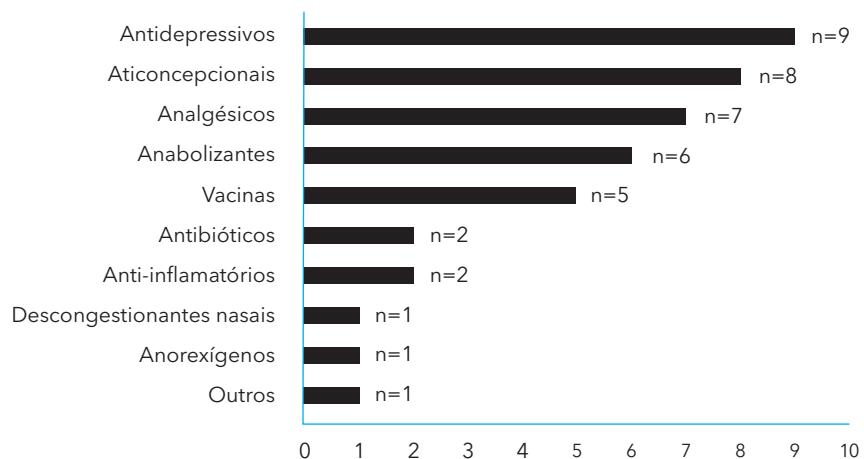


Gráfico de barras horizontais que indica o tipo de medicamento que recebeu mais indicações no questionário (antidepressivos, n= 9) para os estudantes obterem informação ou mais informação. Alguns participantes escolheram mais de um tipo de medicamento, o que impactou no número total de indicações (n total= 42).

Fonte: elaborado pelas autoras (2024).

É notório que a preocupação com a saúde mental ganhou visibilidade ao longo e após a pandemia da COVID-19. Tornou-se mais evidente para a população, inclusive para os adolescentes, que “não existe saúde sem saúde mental” e não surpreende o interesse dos estudantes dessa faixa etária pela classe dos medicamentos antidepressivos. De acordo com a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS, 2021), em todo o mundo, a depressão é a nona causa de doença e incapacidade en-

tre todos os adolescentes, sendo a ansiedade a oitava principal causa.

Em relação à atividade de avaliação do conhecimento prévio da turma sobre antidepressivos, segunda etapa do diagnóstico educativo, optou-se por roda de conversa com os estudantes, a fim de deixar o ambiente mais descontraído e estimular o diálogo com os adolescentes (Figura 1). Para tal, foram utilizadas as perguntas norteadoras descritas na seção 4, material e métodos.

Figura 1. Roda de conversa sobre antidepressivos com adolescentes de um colégio do Norte Fluminense



Fonte: acervo das autoras.

De uma forma geral os estudantes sabiam para que servem os medicamentos antidepressivos, isto é, conheciam para quais problemas de saúde eles têm o seu uso indicado e que se tratam de medicamentos que só podem ser comprados com apresentação e retenção da receita médica. Além disso, em relação a como usar esses medicamentos, a maioria dos adolescentes apontou que era necessário seguir as orientações contidas na prescrição médica, e que a bula do medicamento também constitui uma fonte importante de informação.

Quando perguntados se poderiam usar os mesmos medicamentos sempre que apresentassem os mesmos sintomas, a maioria respondeu que não, demonstrando o conhecimento de que doenças diferentes podem apresentar sintomas semelhantes. Também houve alguns relatos de uso de antidepressivos pelos participantes, o que fez a equipe do projeto reforçar junto aos adolescentes que esta classe de medicamentos só deve ser utilizada quando prescrita e que há necessidade de acompanhamento médico ao longo do tratamento.

Quando os estudantes foram perguntados se os medicamentos podiam ser jogados no lixo comum, após perderem a validade ou não serem mais utilizados, a maioria dos estudantes informou que não, apesar de manifestarem que a prática de jogar medicamentos no lixo era comum entre eles. Tal atitude reflete, no mínimo, a falta de conhecimento dos adolescentes sobre os impactos negativos que o descarte incorreto de medicamentos pode ocasionar no meio ambiente e na saúde pública, e o desconhecimento de pontos de coleta deste tipo de resíduo na cidade.

Outro aspecto que chamou a atenção foi a falta de conhecimento sobre como os antide-

pressivos atuam no cérebro. Além disso, uma das perguntas utilizadas para nortear a roda de conversa, “se eu utilizar os medicamentos antidepressivos eles poderão me fazer algum mal?”, tornou evidente o interesse dos adolescentes em relação às possíveis interações entre os antidepressivos e outras drogas, tanto lícitas quanto ilícitas.

Após a finalização do diagnóstico educativo foi iniciada a segunda fase do projeto (ação educativa), e para preencher a lacuna de conhecimento dos adolescentes sobre como os medicamentos antidepressivos atuam foi usado o vídeo *How do antidepressants work?*. Trata-se de um vídeo animado, de curta duração, que explora a descoberta dos medicamentos precursores dos antidepressivos atuais e a teoria do desequilíbrio químico (de que a depressão é causada pela deficiência de substâncias produzidas pelo cérebro). O vídeo mostra também que, atualmente, esta teoria é, na melhor das hipóteses, incompleta para explicar a causa da depressão, uma vez que vários fatores, além dos biológicos, podem contribuir para a sua origem. Além disso, o vídeo deixou claro que, para muitos pacientes, o uso isolado de antidepressivos não funciona para tratar a depressão, sendo necessária a associação com outras terapias, não medicamentosas por exemplo, para alcançar o objetivo.

Após assistirem o vídeo, os estudantes participaram de uma roda de conversa em que tiveram a chance de tirar dúvidas sobre o que foi apresentado, assim como foi possível abordar outras questões. De uma forma geral, foi reforçada a ideia entre os participantes de que estes medicamentos só devem ser utilizados sob prescrição médica e com acompanhamento, uma vez que precisam ter as suas doses ajustadas no início do tratamento e que podem apresentar reações ad-

versas (como quadro de dependência no caso dos ansiolíticos).

Além disso, foi mencionado que, no caso dos antidepressivos, é comum que os seus efeitos demorem de duas a quatro semanas para serem plenamente observados e que, durante este período, é comum que o médico ajuste a dose para garantir a melhor resposta ao tratamento. Ainda, como os estudantes quiseram saber mais sobre a classe de medicamentos ansiolíticos, também foi indicado que eles assistissem posteriormente, em momento oportuno, um documentário do serviço de streaming Netflix intitulado em inglês *Take Your Pills: Xanax*⁵, ou em tradução livre *Tome as suas pílulas: Xanax*, que aborda questões como a dependência, as reações adversas e a cultura de prescrição excessiva deste ansiolítico nos Estados Unidos da América.

Outro ponto abordado na roda de conversa foi a interação dos antidepressivos com drogas lícitas e ilícitas, onde foi fortemente recomendado que deveria ser evitado o uso de drogas por todos os problemas que o seu uso pode acarretar para o indivíduo, família e sociedade. E que o uso concomitante de medicamentos antidepressivos com drogas lícitas e ilícitas pode trazer graves prejuízos ao indivíduo. Foi dado o exemplo da interação entre a maconha (*Cannabis sativa*) e os antidepressivos tricíclicos, cuja associação pode levar a delírio e taquicardia (CEBRIM, 2019).

O descarte de medicamentos vencidos ou em desuso também mereceu destaque na roda de conversa, uma vez que a maioria dos adolescentes afirmou que não deveria realizar esse descarte no lixo comum, apesar de ad-

mitirem que agiam dessa forma. Assim, foi enfatizado com os adolescentes que os medicamentos são constituídos por substâncias químicas capazes de se acumularem no meio ambiente, causando a poluição da água e do solo. A conduta dos estudantes pode ser reflexo, dentre outros fatores, da falta de conhecimento sobre os impactos negativos que o descarte incorreto de medicamentos ocasiona ao meio ambiente e à saúde pública, e sobre a disponibilidade de pontos de coleta deste tipo de resíduo na cidade. Desta forma, foi recomendado que, posteriormente, os estudantes acessassem o site do Programa Descarte Consciente⁶, uma iniciativa das empresas que participam da cadeia produtiva de medicamentos, de modo a buscar pelo ponto de coleta de medicamentos vencidos ou em desuso mais próximo da residência de cada um.

A última fase do projeto consistiu em uma oficina, onde os adolescentes foram deixados livres para escolher a estratégia a ser adotada para abordar o assunto “medicamentos” com outros estudantes. Como se tratava de uma turma do curso de formação de professores, a docente responsável pela turma informou aos estudantes que o desempenho deles na oficina seria avaliado por ela e que a nota obtida seria atribuída à atividade de regência. Isso foi considerado, sem dúvida, um ponto positivo pela equipe do projeto, uma vez que aumentou o engajamento e o grau de comprometimento dos participantes com a atividade. Podem ser citados como produtos da oficina: a elaboração de uma atividade lúdica sobre o descarte correto de medicamentos; a abordagem, sob forma de encenação, sobre algumas vias de administração de medicamentos; vídeo sobre a saúde mental da

5 Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/81251342>. Acesso em: 11 dez. 2024.

6 Disponível em: <https://www.descarteconsciente.com.br/>. Acesso em: 11 dez. 2024.

comunidade escolar; e cartaz abordando o tema “menstruação” e os diferentes tipos de absorventes (Figura 2).

Figura 2. Oficina sobre medicamentos com adolescentes de um colégio do Norte Fluminense



Fonte: acervo das autoras.

Foi observado que, na oficina, os adolescentes não quiseram se restringir somente a tópicos relacionados à saúde mental, mas optaram também por desenvolver outros assuntos discutidos durante os oito encontros. Um dos grupos se dedicou à construção de uma ação para ensinar às crianças do 5º ano sobre o descarte correto de medicamentos. Tratou-se de uma atividade lúdica chamada de “Trilha do Descarte Correto”, cuja proposta era fazer as crianças refletirem se os locais de descarte apresentados, ao longo da trilha percorrida pelo medicamento vencido (lixo, vaso sanitário e pia, por exemplo), eram a melhor opção para se desfazer ou não daquele remédio. A trilha começava no paciente e terminava na fábrica (trabalhando a ideia de logística reversa dos medicamentos).

Outro grupo de estudantes escolheu a encenação, para tratar sobre as vias de administração dos medicamentos, como devolutiva dos encontros. A escolha do tema pelos estudantes pode ser justificada pelo fato de que se tratava

de uma turma de futuros professores que atuarão na educação infantil e que, possivelmente, irão se deparar com alguma situação que envolva administração de medicamentos nas escolas ou creches. Os adolescentes fizeram uso de uma boneca para explicar as vias mais comuns de administração de medicamentos em crianças (oral, subcutânea, tópica, oftálmica e otológica, por exemplo).

O vídeo sobre a saúde mental da comunidade escolar foi produzido por um outro grupo de estudantes, que entrevistou professores, outros estudantes e funcionários da unidade escolar com perguntas sobre como eles estavam se sentindo no momento da entrevista, sobre a importância de conversar a respeito dos sentimentos com uma pessoa de confiança e sobre o que eles faziam para relaxar e aliviar a tensão do dia a dia. Tal escolha talvez tenha sido influenciada pela ação educativa sobre antidepressivos, onde foi ressaltado que, muitas vezes, as pessoas confundem um estado de tristeza com depressão e que, por conta disso, acham que fazer uso de medicamentos antidepressivos possa ser a solução para resolver a situação, sem se importar em identificar, com a ajuda de profissionais de saúde, a causa do problema e, desta forma, verificar se precisam realmente fazer uso de um medicamento.

Por fim, mais um dos grupos resolveu preparar um cartaz abordando o tema “menstruação” e os diferentes tipos de absorventes. De fato, o tema menstruação não foi abordado durante os encontros com a equipe do projeto e os absorventes não são considerados produtos farmacêuticos, mas talvez a escolha reflita uma situação com a qual os futuros educadores vão se deparar nas escolas, a de ter que orientar as estudantes do ensino fundamental sobre o assunto, encontrando na oficina a oportunidade de externar tal preocupação.

Em relação à apreciação da ação de extensão/pesquisa pelo público-alvo, 53% dos estudantes deram nota 10 (excelente) e 47% deram nota 8 (ótimo). No tocante à oficina, 100% dos participantes disseram que ter participado desta contribuiu para aumentar o conhecimento sobre medicamentos.

CONCLUSÃO

A automedicação se mostrou uma prática comum entre os estudantes e, não por acaso, um assunto demandado por eles para ser abordado na escola. É notório que, apesar do grande número de fontes de informação disponíveis atualmente sobre medicamentos, a família ainda representa uma referência neste aspecto, influenciando, portanto, o uso de medicamentos pelos adolescentes. Outro achado deste estudo foi que a escola não configura de forma óbvia para os estudantes

um espaço de diálogo sobre medicamentos, o que mostra a importância de atividades extensionistas promotoras de saúde no ambiente escolar e do uso racional de medicamentos entre os adolescentes.

Além disso, a questão da saúde mental é algo que precisa ser trabalhado no ambiente escolar, uma vez que a pandemia da COVID-19 trouxe à tona a necessidade de a sociedade dar mais atenção ao assunto, e que a percepção por parte da população, inclusive entre os adolescentes, de que “não existe saúde sem saúde mental” é cada vez mais ampla e difundida. Por fim, uma questão que deve ser ressaltada é a importância da parceria estabelecida entre a equipe do projeto e a professora do colégio, uma vez que, sem ela, dificilmente a ação extensionista e de pesquisa teria alcançado êxito.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Rafaela Carvalho; GODOY, Julia Almeida; HALPERN, Ricardo. Automedicação e comportamento entre adolescentes em uma cidade do Rio Grande do Sul. **Aletheia**, n. 41, p. 134-153, mai.-ago. 2013. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942013000200011. Acesso em: 10 set. 2024.

AFONSO, Maria Lucia Miranda. **Oficinas em dinâmica de grupo:** um método de intervenção psicossocial. 3 ed. Belo Horizonte: Casa do psicólogo, 2010.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Marco legal:** saúde, um direito de adolescentes. Brasília, DF, 2007a. 60p. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/07_0400_M.pdf. Acesso em: 11 dez. 2024.

BRASIL. **Decreto n 6.286, de 05 de dezembro de 2007.** Institui o programa saúde na escola - PSE, e da outras providências. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2007b. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6286.htm. Acesso em: 10 set. 2024.

planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6286.htm. Acesso em: 10 set. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Cadernos de Atenção Básica: Saúde na escola.** Brasília, DF, 2009. 96p. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cadernos_atencao_basica_24.pdf. Acesso em: 10 set. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Consumo de medicamentos: um autocuidado perigoso.** 2012. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/dicas/255_automedicacao.html. Acesso em: 10 set. 2024.

BRASIL. **Lei n 13.021, de 8 de agosto de 2014.** Dispõe sobre o exercício e a fiscalização das atividades farmacêuticas. Brasília, DF: Presidência da República, [2014]. Disponível em: http://planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13021.htm. Acesso em: 10 set. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Fundação Oswaldo Cruz. Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas. **Tabela 7: Casos Registrados de Intoxicação Humana por Agente Tóxico e Faixa Etária: Brasil, 2017.** Disponível em: https://sinitox.icict.fiocruz.br/files/Brasil7_1.pdf. Acesso em: 10 set. 2024.

CAMPOS, Luciana Maria Luanardi et al. A produção de jogos didáticos para o ensino de ciências e biologia: uma proposta para favorecer a aprendizagem. **Cadernos dos Núcleos de Ensino**, v. 47, p. 47-60, 2003.

CEBRIM. Centro Brasileiro de Informação sobre Medicamentos. Interações Medicamentosas com Drogas Ilícitas. **Boletim Farmacoterapêutica**. v. 23, n. 1, jan-mar 2019. Disponível em: <https://revistas.cff.org.br/farmacoterapeutica/issue/view/274>. Acesso em: 10 set. 2024.

GUALANO, Maria R et al. Use of self-medication among adolescents: a systematic review and meta-analysis. **European Journal of Public Health**, [S. I.], v. 25, n. 3, p. 444-450, jun 2015. DOI: <https://doi.org/10.1093/eurpub/cku207>. Acesso em: 10 set. 2024.

HONSBERGER, Janet; GEORGE, Linda. Facilitando **Oficinas: da teoria à prática**. São Paulo: Graphox Caran, 2002. Disponível em: https://www.iteco.be/IMG/pdf/Facilitando_oficinas.pdf. Acesso em: 11 dez. 2024.

LACERDA, Adriana Bender Moreira et al. Oficinas educativas como estratégia de promoção da saúde auditiva do adolescente: estudo exploratório. **Audiology Communication Research**, [S. I.], v. 18, n. 2, p. 85-92, jun 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/acr/a/3q3GgGPvbH6kLT6z5XWjdZB/#>. Acesso em: 10 set. 2024.

LEITE, Renata Antunes Figueiredo et al. Acesso à informação em saúde e cuidado integral: percepção de usuários de um serviço público. **Interface**, [S. I.], v. 18, n. 51, p. 661-71, out - dez 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/1807-57622013.0653>. Acesso em: 10 set. 2024.

MATOS, Januária Fonseca et al. Prevalência, perfil e fatores associados à automedicação em adolescentes e servidores de uma escola pública profissionalizante. **Cadernos Saúde Coletiva**, [S. I.], v. 26, n. 1, p. 76-83, jan- mar 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/1414->

462X201800010351. Acesso em: 10 set. 2024.

MOURA, Adriana Ferro, LIMA, Maria Glória. A reinvenção da roda: roda de conversa: um instrumento metodológico possível. **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, v.23, n.1, p. 98-106, jan.-jun. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/rteo/article/view/18338/11399>. Acesso em: 10 set. 2024.

OPAS/OMS. Organização Pan-Americana de Saúde/ Organização Mundial da Saúde. **Saúde mental dos adolescentes**. 2021. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/saude-mental-dos-adolescentes>. Acesso em: 10 set. 2024.

PEREIRA, Francis et al. Automedicação em crianças e adolescentes. **Jornal de Pediatria**, [S. I.], v. 83, n. 5, p. 453-458, out 2007. DOI: 0021-7557/07/83-05/453. Acesso em: 11 dez. 2024.

PINTO, Michelle Moreira de Matos et al. Experiência de utilização de ferramentas lúdicas na abordagem do tema uso racional de medicamentos para alunos do ensino fundamental. **Revista Brasileira de Farmácia**, [S. I.], v. 92, n. 1, p. 23-32, 2011.

SAMPAIO Juliana et al. Limits and potentialities of the circles of conversation: analysis of an experience with young people in the backcountry of Pernambuco, Brazil. **Interface**, [S. I.], n. 18, Suppl. 2, p. 1299-1312, jan 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/1807-57622013.0264>. Acesso em: 10 set. 2024.

SILVA, Edriana Gomes et al. Jogos Interativos: uma abordagem metodológica para auxiliar no processo ensino aprendizagem dos alunos do 6º e 7º anos na Escola Campos Sales em Juscimeira/ MT. **REMOA - Revista Monografias Ambientais**, Santa Maria, v. 14, p. 23-40, 2015. DOI: <https://doi.org/10.5902/2236130820434>. Acesso em: 10 set. 2024.

SILVA, Ilane Magalhães et al. Automedicação na adolescência: um desafio para a educação em saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, [S. I.], n. 16, supl. 1, p. 1651-1660, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232011000700101>. Acesso em: 10 set. 2024.

SILVA, Marcos Valério Santos et al. Consumo de medicamentos por estudantes adolescentes de Escola de Ensino Fundamental do município de Vitória. **Revista de Ciências Farmacêuticas Básica e Aplicada**,

[S. l.], v. 30, n. 1, p. 84-89, 2009. Disponível em: <https://rcfba.fcfar.unesp.br/index.php/ojs/article/view/461>.

Acesso em: 11 dez. 2024.

VIERO, Vanise dos Santos Ferreira *et al.* Educação em saúde com adolescentes: análise da aquisição de conhecimentos sobre temas de saúde. **Escola Anna**

Nery - Revista de Enfermagem, v. 19, n. 3, p. 484-490, jul - set 2015. DOI: <https://doi.org/10.5935/1414-8145.20150064>. Acesso em: 10 set. 2024.

WHO. World Health Organization. **The Rational use of drugs: report of the conference of experts**. Geneva: WHO, 1987, 329p. Disponível em: <https://iris.who.int/handle/10665/37174>. Acesso em: 10 set. 2024.

WHO. World Health Organization. **The benefits and risks of self-medication: general policy issues**. Geneva: WHO, 2000, 76p. Disponível em: <https://iris.who.int/handle/10665/57617>. Acesso em: 10 set. 2024.

YAMAZAKI, Sergio Choiti, YAMAZAKI, Regiani Magalhães de Oliveira. Jogos para o ensino de física, química e biologia: elaboração e utilização espontânea ou método teoricamente fundamentado? **Revista Brasileira se Ensino de Ciência e Tecnologia**, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 159-181, 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.3895/S1982-873X2014000100009>. Acesso em: 11 dez. 2024.

Recebido em: 10.09.2024

Revisado em: 11.11.2024

Aprovado em: 25.11.2024